

# América Latina receberá mais US\$ 25 bi este ano

Dando  
fe

Heitor Tepedino,  
correspondente

Londres — Os banqueiros internacionais estão elaborando um trabalho de levantamento dos financiamentos concedidos esta ano para os maiores devedores latino-americanos, estimando-se que em relação ao Brasil, México, Argentina e Chile atinjam a US\$ 12,5 bilhões de novos créditos liberados pelos bancos e o mesmo volume oriundo do FMI, totalizando US\$ 25 bilhões. Para 1984, os banqueiros admitem que prosseguindo a recuperação da economia mundial e as taxas de juros norte-americanas mantendo-se na média de 10 por cento ao ano, esses países devem precisar de recursos equivalentes aos de 1983.

A preocupação maior é com o custo dos juros, que nos últimos anos vem sofrendo elevações astronômicas: enquanto em 1976 a média anual da libor atingia a 5,6 por cento, em 1981 ficou em 16,5 por cento, e no primeiro semestre deste ano atingiu a média de 9,5 por cento.

No entanto, duas indagações procuram ser tecnicamente respondidas pelos banqueiros. Em primeiro lugar, qual a fonte dos US\$ 25 bilhões liberados neste ano? Em segundo lugar, será viável repetir este desempenho em 1984? Quanto a primeira, acha-se que os US\$ 12,5 bilhões liberados pelos bancos foram conseguidos através de uma tática de pressão indireta utilizada pelos dirigentes do FMI, apesar de relutância de muitos banqueiros.

Já para 1984, estima-se que a liquidez internacional não terá um desempenho normal, porque vários fatores devem influir para provocar uma menor disponibilidade de recursos. De um lado, a queda dos depósitos dos países produtores de petróleo, tanto pela redução dos preços deste produto como problemas da guerra entre o Irã e o Iraque. Do outro, as grandes empresas irão precisar dos seus fundos para expandir a produção.

Dentro deste quadro, os banqueiros estão atentos para a capacidade de pagamento dos países devedores, considerando-se o fator dos juros um dos mais importantes, já que na sua escalada dos últimos anos teve forte participação para esta crise.

Todas as projeções para 1984, contudo, procuram manter uma lógica para aproximar-se o mais possível da realidade, daí admitir-se que para se chegar a resultados positivos muito dependerá do direcionamento do processo de recuperação econômica, da política de preços das "commodities" e do petróleo e do custo dos juros. O grande problema para os países devedores é que as taxas de juros aplicadas sobre os seus débitos atingem entre 60 e 80 por cento de taxas flutuantes, o que é uma situação incômoda, porque qualquer acréscimo na "prime rate" os seus custos são fortemente agravados.

Dentro das expectativas dos banqueiros, em 1984 o Brasil irá precisar de novos empréstimos que devem variar entre US\$ 3 a US\$ 7 bilhões, levando-se em conta a pesada carga que o país suporta com pagamentos de juros e importações de petróleo em torno de US\$ 18 a US\$ 20 bilhões. Para 1983, admite-se que os banqueiros já concordaram com o novo reforço que será solicitado.

Quanto ao México, tem-se a esperança de que não solicite reforço de novo empréstimo este ano. Para 1984, as estimativas oficiais, consideradas realistas, prevêem, novos créditos entre US\$ 4 a US\$ 5 bilhões, embora o mercado esteja disposto a elevar esta quantia caso o governo mexicano queira.

Quanto aos devedores menores, como o Equador e o Peru, não é possível saber quanto precisarão em 84, mas o montante não preocupa. Já a Argentina, em 1984, vai enfrentar o problema de que 10 bilhões de dólares estarão vencendo naquele ano, o que certamente exigirá um trabalho especial para a solução do problema.